



Beatriz Yasmin Gonçalves Jordy

DRE 110132664

Turno Integral

**A NOVA CIÊNCIA DA AUTOBIOGRAFIA: um estudo da *Vita* (1725-1731) de
Giambattista Vico à luz de sua *teoria da imaginação***

Rio de Janeiro

Dezembro/2018

Beatriz Yasmin Gonçalves Jordy

**A NOVA CIÊNCIA DA AUTOBIOGRAFIA: um estudo da *Vita* (1725-1731) de
Giambattista Vico à luz de sua *teoria da imaginação***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Aparecida Rezende Mota

Rio de Janeiro
Dezembro/2018

À minha querida e doce mãe que me ensinou a ver o mundo sob um olhar fantástico.

Agradecimentos

À professora Renata Sammer, que me apresentou a filosofia de Giambattista Vico e sob os cuidados de quem desenvolvi o trabalho que se segue. Sou grata pelo generoso apreço e cuidado com os quais me recebeu em seu convívio, quando tudo começou, desde que me presenteou com uma cópia da *Vita*.

À professora Maria Aparecida Rezende Mota, que também gentilmente me acompanhou no desenvolvimento deste trabalho, com seu olhar atento e preciso. Agradeço por, ao longo dos períodos em que fui sua monitora e orientanda, ter a sensibilidade de transformar o Instituto de História da UFRJ em um ambiente acolhedor.

Ao professor Henrique Buarque de Gusmão, que com sua disciplina sobre Biografia e História, contribuiu para o meu interesse sobre o gênero autobiográfico.

À professora Luiza Larangeira da Silva Mello, pelas conversas e pelo aprendizado que me proporcionou durante o tempo em que orientou meu trabalho de monitoria da disciplina Teoria e Investigação Histórica.

Aos queridos amigos que tive a imensa sorte de encontrar na UFRJ – Lucas, Carol, Henrique, Thiago, Caio e Felipe – que, além de parceiros versados na revisão de textos acadêmicos, se mostraram indispensáveis e sempre presentes companheiros de vida.

Aos meus pais, João Cassim e Eunice, e aos meus irmãos, Youssef e Luiza, que sempre incentivaram a curiosidade e o empenho que devemos empregar em tudo aquilo que nos propomos a empreender em nossas vidas.

Resumo

JORDY, Beatriz Yasmin Gonçalves. *A nova ciência da autobiografia: um estudo da Vita (1725-1731) de Giambattista Vico à luz de sua teoria da imaginação*. Rio de Janeiro. 2018. Monografia (Curso de Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Partimos do exame da autobiografia de Giambattista Vico, à luz de sua *teoria da imaginação*. Procuramos investigar em que medida Vico procurou articular seu novo método para o conhecimento – ou como ele denomina, sua nova arte crítica – a uma ideia de *sujeito* distinta daquela professada pelos modernos, no contexto da querela entre *antigos* e *modernos*, que marcaria os modos de pensar da tradição intelectual ocidental no Setecentos. A *teoria da imaginação* elaborada pelo filósofo de Nápoles colocou em questão a narração histórica que a escrita autobiográfica pressupõe e pôs em debate as bases do pensamento moderno, uma vez que, na *Vita*, ele esboçou um novo campo de reflexão para o discurso filosófico da época.

Palavras-chave: antigos e modernos; História; autobiografia; imaginação; Giambattista Vico.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – A teoria da imaginação de Giambattista Vico.....	7
Vico e seu tempo: um filósofo entre antigos e modernos.....	7
Em busca de uma nova arte crítica: a <i>teoria da imaginação</i> de Vico.....	10
CAPÍTULO II – Por uma nova ciência autobiográfica: a história fantástica da <i>Vita</i> de Giambattista Vico.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
Fontes.....	32
Referências bibliográficas.....	33

INTRODUÇÃO

Eu estudo mais a mim mesmo que a qualquer outro assunto. Esta é a minha física. Esta é a minha metafísica.

Michel de Montaigne, *Essays*, 1580.

No ano de 1728, uma proposta singular é endereçada a certo grupo de letrados que vivia nas mais proeminentes províncias da atual Itália. Idealizada pelo distinto conde veneziano, Giovanni Artico di Porcía (1682-1743)¹, a iniciativa dizia respeito a um projeto de reformulação curricular do sistema de ensino italiano, que à época experimentava decrescente prestígio, frente à tradição francesa. A recomendação era de que cada um dos letrados, cuidadosamente selecionados e convidados a participar do intento, elaborasse um breve ensaio narrando em retrospecto os fatos que marcaram suas respectivas trajetórias de vida.

Nesses ensaios – que mais tarde viriam a ser amplamente conhecidos como *autobiografias* – deveria ser escrita por cada um dos nobres cavalheiros, passo a passo, a história da evolução de suas próprias ideias e métodos de estudos. O objetivo consistia em oferecer ao público letrado um detalhado guia introdutório sobre as bem sucedidas invenções e descobertas científicas do cenário acadêmico italiano, para que, deste modo, o jovem leitor disposto a folhear aquelas páginas se sentisse orientado no caminho do conhecimento.

Tratava-se, assim, não da narrativa aleatória de fatos desconexos da vida de seus respectivos autores², mas daquilo que hoje se compreende de maneira imprecisa como *autobiografias intelectuais*³. O processo de produção de todas as mais nobres artes e ciências que compusessem o vasto universo intelectual italiano deveria ser minuciosamente descrito em cada uma das narrativas, formando uma espécie de compêndio de ideias – que viria a ser publicado posteriormente.

Junto a esta mesma proposta seguia a autobiografia de um tal “Senhor Don Giovanni Battista Vico, célebre acadêmico napolitano” que, de acordo com o que Porcía declarava na

¹ O projeto foi publicado em Veneza, no ano de 1728, sob o título “Progetto ai letterati d'Italia perché scrivano la loro vita”.

² MAZZOTTA, Giuseppe. *The new map of the world: the poetic philosophy of Giambattista Vico*. New Jersey: Princeton University Press, 1999, p.16.

³ Uma definição teórica acerca do que daria o tom de especificidade de uma *autobiografia* para ser considerada como *autobiografia intelectual* indica o relato da evolução das ideias daquele que escreve sua própria vida. Sobre isso, Collingwood sugere que “a narrativa de vida do homem cujo ofício é pensar, deve ser, portanto, a história de seu pensamento”.

introdução de seu projeto, “acolheu, melhor que qualquer outro, o plano que tinha em mente”⁴.

Giambattista Vico (1668-1744), como é mais conhecido, era então professor da cadeira de Retórica na Universidade de Nápoles e se dedicava à escrita de sua principal obra, a *Ciência Nova* (1725). Com ainda poucos trabalhos publicados e considerado dono de um estilo um tanto peculiar por seus contemporâneos, Vico passou grande parte de sua trajetória intelectual à margem dos grandes círculos acadêmicos, dedicando-se, vez ou outra, à elaboração de pequenos escritos, assim como à preparação de aulas em sua não muito prestigiada cátedra de Retórica. É neste cenário que o napolitano aceita o convite do conde Porcía e a *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* (1725-1728) é oferecida como modelo às demais autobiografias a serem escritas⁵.

É esperado que, ao se tratar da *Vita*, o famoso comentário de Benedetto Croce (1866-1952) venha à memória. O historiador e filósofo observa, de modo muito oportuno, que “a autobiografia de Vico é, em suma, a aplicação da *Ciência Nova* à vida de seu próprio autor”⁶. Esta constatação de Croce não é apenas um parecer perspicaz sobre a autobiografia do napolitano, mas, também, um importante lembrete sobre a existência de uma relação indissociável entre a *Vita* e a teoria do conhecimento viquiana.

Tendo isto em mente, tentamos neste breve trabalho, perscrutar os caminhos específicos percorridos por Vico para relatar a história de sua vida. Investigar em que sentido o italiano de Nápoles escreveu uma narrativa autobiográfica, à luz de sua teoria do conhecimento – cujo cerne é o que chamamos de *teoria da imaginação* – constitui nosso objetivo central.

Complexa e inesgotável fonte de interpretações até o presente, a teoria do conhecimento viquiana se tornaria notável por conter uma crítica ao racionalismo moderno, para além do contexto no qual foi elaborada, o projeto de Porcía, idealizado com um claro sentido pedagógico de valorização das Letras italianas. Vico, aquele para quem *linguagem e*

⁴ No original: “Since we are not yet in position to publish the entire work, we content ourselves with offering a model in the autobiography of Signor Don Giovanni Battista Vico, the celebrated neapolitan scholar, which better than any other so far received conforms to the plan we have in mind. This autobiography will serve as a norm to anyone who, by imitating both Signor Vico's generosity and his manner of laying before the public the detail of his studies, will lend a hand to the completion of this useful enterprise”. Cf. VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico*. Tradução de Max Harold Fisch e Thomas Goddard Bergin. Nova York: Cornell University Press, 1944, p. 6. Tradução minha.

⁵ Cf. Prefácio da edição da autobiografia de Vico para língua inglesa consultada na elaboração deste trabalho, no qual Max Fisch e Thomas Bergin fazem uma descrição mais detalhada do contexto de produção da obra.

⁶ No original: “Vico's *Autobiography* is, in a word, the application of the *Scienza Nuova* to the life of its author, the course of his own individual history”. Cf. VERENE, Donald Phillip. *Vico's science of imagination*. Ithaca: Cornell University Press, 1981, p.122. Tradução minha.

história se entrelaçam, procuraria esboçar na *Vita* um novo campo de reflexão para o discurso filosófico da época.

Sua preocupação em formular um método histórico de apreciação do real, alertando para as contradições da então popular filosofia de René Descartes (1596-1650), viria a pôr em xeque o novo método cartesiano. Em lugar da *razão*, Vico clamaria pela *imaginação e a memória*; em lugar da *verdade*, a *verossimilhança*. Em lugar da supremacia da *geometria*, indicava a *poesia* e a *história* como fontes de saber. A linguagem filosófica, para Vico, é a linguagem das metáforas, das fábulas e não a linguagem objetiva do racionalismo moderno, como deixaria entrever em sua *Vita*.

Neste sentido, procuramos considerar no presente estudo da autobiografia de Giambattista Vico as “ideias em contexto”, subjacentes ao pensamento viquiano. A conhecida *querela entre antigos e modernos* será abordada, nesta perspectiva, como um elemento importante, que não pode ser ignorado por aqueles que se proponham a estudar as páginas da narrativa autobiográfica do filósofo napolitano. A *querela*, ou seja, a disputa entre a tradição humanista italiana e a crítica racionalista francesa, se cristalizaria caracterizando o embate entre duas diferentes visões de mundo que acabariam por revelar formas divergentes para a fundamentação do conhecimento.

Pretendemos, desta maneira, examinar em que medida a *Vita* é escrita em meio a um contexto intelectual marcado por dois modelos distintos de conhecimento. Por outro lado, veremos como Vico, ao escrever uma narrativa do *sujeito*, acabaria opondo essas duas formas diversas de fundamentar o discurso científico: uma baseada na *razão*, orientada, em grande parte, pelo solipsismo filosófico cartesiano; outra, como veremos em nosso exame da autobiografia de Vico, baseada na *imaginação*, como recurso para a investigação da realidade.

É no mínimo curioso que, quando se trata do gênero autobiográfico, a *Vita* seja uma obra tão pouco comentada. Na grande maioria dos estudos sobre o tema, as *Confissões* (1789), do suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), são, geralmente, destacadas como a primeira autobiografia moderna. Talvez o fato de a *autobiografia* ainda não ser reconhecida como um gênero narrativo no contexto de publicação da *Vita* explique a pouca importância atribuída à obra. A própria forma como Vico decidiu intitular seu ensaio, “Vida de Giambattista Vico escrita por ele mesmo”⁷, poderia ser compreendida como uma estratégia mobilizada por ele para dar nome àquilo que à época ainda não era nomeado. Neste sentido, a

⁷ Tradução minha. Não foi publicada, até o momento, uma tradução dessa obra para a língua portuguesa.

proposta do conde veneziano aparece, na Itália do começo do século XVIII, como uma grande novidade.

Dois séculos mais tarde, por ocasião do aniversário de 250 anos de publicação da *Vita*, acadêmicos se reuniram para celebrar a importância do trabalho de Vico para diversos campos de análise. Donald Phillip Verene, pesquisador da obra viquiana, atribui o que ele chama de renascença dos estudos viquianos à virada linguística e sua consequente redescoberta pelas mais variadas pesquisas relacionadas à *linguagem*⁸. O interesse em especial pela *Vita*, neste cenário, talvez se deva à atenção que recebiam então os relatos autobiográficos, considerados importantes fontes para a interpretação da realidade.

Não somente dois séculos e meio, entretanto, separariam essas duas e diferentes Itálias – a do século XVIII e aquela de meados do século XX – mas, também, o campo conceitual de que dispunham seus respectivos acadêmicos. Na Nápoles de Vico o termo *autobiografia* ainda era desconhecido; no entanto, o mesmo não se poderia afirmar sobre o ato de escrita da vida de *si* próprio.

Uma vez que o Seiscentos foi o século em que o *sujeito* teria sido consagrado como medida para o saber, e que estavam dadas as condições para que as narrativas do *eu* ganhassem espaço na vivência intelectual da modernidade, o Setecentos poderia ser considerado o século da autobiografia. Na Itália do século XVIII, a iniciativa promovida por Porcía acabaria por promover um novo tipo de experimentação da atividade de escrita, chamada, àquela altura, pelos italianos de *periautografia*.

Este nascente gênero narrativo cunhado pelo abade italiano Carlo Lodoli (1690-1761)⁹ foi o escolhido para dar corpo ao projeto de Porcía e para guiar a escrita autobiográfica de Vico e dos demais letrados que aceitassem participar da iniciativa. *Periautografia*, termo derivado do grego que significa, em uma acepção literal, a narrativa daquilo que está no entorno do *sujeito*, se aproximaria bastante do que compreendemos hoje como autobiografia – por definição, a narrativa da vida individual em retrospecto, entendida a partir de um contexto mais amplo¹⁰. A *Vita*, escrita numa época em que a autobiografia ainda não havia se

⁸ VICO, Giambattista. *On the study methods of our times*. Ithaca and London: Cornell, 1990, p. XIV.

⁹ Carlo Lodoli foi um aclamado teórico da arquitetura, matemático e professor. Vivenciando a cultura humanista veneziana, seus escritos visitaram diversas áreas do conhecimento, da história e da filosofia até a política e a arte.

¹⁰ O problema da forma divide opiniões na teoria literária, a exemplo das opostas posições de dois importantes estudiosos do tema, como William Spengemann, o qual transforma e reduz a autobiografia à sinônimo de ato simbólico presente em qualquer forma literária – o que o permitiu, por exemplo, a tratar textos de Charles Dickens e Nathaniel Hawthorne como tipos de escrita autobiográfica – e Roy Pascal, que localiza historicamente o gênero enquanto forma bem definida e distinta de outras tantas. Ambos trazem contribuições essenciais ao estudo da autobiografia e a necessidade de classificar e definir gêneros pode nos levar a ignorar certas possibilidades interpretativas que seriam de extrema importância caso não fossem vetadas por tais delimitações.

consolidado como gênero discursivo, viria a pôr em questão, como procuramos defender, uma nova maneira de narrar a experiência humana no mundo.

Se é certo que a filosofia do *cogito* situou o *sujeito* no centro das preocupações filosóficas da modernidade, foi com a autobiografia que essa preocupação assumiu uma específica forma retórica, ao definir a narrativa em retrospecto da vida do *eu* como um método para o conhecimento de si. Neste trabalho pretendemos compreender em que medida a escrita autobiográfica viquiana surgiu não somente como uma fonte de sabedoria sobre o *eu*, mas, como colocou esse *eu* em relação dinâmica com a história.

No estudo que se segue, portanto, analisamos o *contexto linguístico* de produção da *Vita*, com o objetivo de compreender de que modo, por meio de uma narrativa autobiográfica, Vico introduz, no vocabulário conceitual da época, duas ideias de *sujeito* opostas; ou seja, em que medida, no momento áureo do pensamento cartesiano e seu *sujeito substância*, Vico acabou por narrar a trajetória de um *eu* não-estático, que se constitui na experiência de si e do mundo que o cerca.

Para isso, examinamos a *teoria da imaginação* de Giambattista Vico à luz da leitura, não somente na *Ciência Nova*, mas também de seus trabalhos anteriores, que julgamos necessários para a compreensão de conceitos caros ao pensamento viquiano. São eles: *On the most ancient Wisdom of the italians* (1710)¹¹, obra conhecida pela crítica de Vico à filosofia cartesiana do *cogito*; e *On the studies methods of our times* (1708-9)¹², a partir da qual procuramos elucidar questões referentes à *querela entre antigos e modernos*, abordada no primeiro capítulo. Neste, desenvolvemos algumas reflexões sobre a *teoria da imaginação* viquiana à luz de seu contexto intelectual – mais especificamente, estudamos a inserção de Vico no mundo letrado italiano e seu diálogo com a tradição francesa. No segundo e último capítulo abordamos os elementos retóricos e narrativos da *Vita*, investigando em que medida Vico transportou esse modelo de conhecimento baseado na *imaginação* para o empreendimento de escrita de sua própria vida.

Tendo isto em mente, examinamos a *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, à luz dos estudos viquianos mais recentes, sobretudo de estudiosos como Donald Phillip Verene, diretor do Institute for Vico Studies da Emory University e professor dessa mesma instituição que, em seu trabalho, *The new art of autobiography*, intenta romper com

Cf. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 52.

¹¹ Publicado em latim sob o título *De Antiquissima Italorum Sapientia*, em 1710.

¹² Publicado em latim sob o título *De nostri temporis studiorum ratione*, em 1708-1709. Na realização deste trabalho foram lidas as edições em língua inglesa dessas obras.

interpretações que concebem Vico simplesmente como um precursor do historicismo. Ao contrário dessa vertente, Verene postula que a teoria do conhecimento viquiana constitui uma fonte para os estudos mais variados, entre os quais, a dimensão da *imaginação* na epistemologia e problemáticas comuns, tanto à teoria da autobiografia, quanto à teoria da história.

Este movimento nos permite compreender a importância dos debates que envolvem categorias que estão em relação dinâmica, tais como *linguagem, texto, realidade, discurso, ato de leitura, verdade, escrita, narrativa e imaginação*, na construção e abordagem do objeto de pesquisa das ciências humanas. O estudo da autobiografia é, portanto, terreno fértil para o exame do diálogo entre história e linguagem, uma vez que contribui para a reformulação do modo como pensamos as relações entre textos de grande relevância para a tradição ocidental e seus respectivos contextos de produção, questão cara à história intelectual, atualmente. Com isso, pretendemos discutir de que maneira a ideia de *sujeito* presente na *Vita* – que, com os devidos cuidados, procuramos chamar de “sujeito viquiano” – permitiria entrever questões em comum referentes à apreciação das escritas autobiográfica e histórica.

CAPÍTULO I – A teoria da *imaginação* de Giambattista Vico

*É somente à luz da querela entre antigos e modernos que a modernidade pode ser compreendida*¹³.

Leo Strauss, *What is political philosophy?*.1959.

Vico e seu tempo: um filósofo entre antigos e modernos

Ao nos depararmos com a observação de Strauss sobre a modernidade e suas peculiaridades, podemos ter uma breve ideia do cenário intelectual da Europa setecentista em que Vico escreve sua *Vita*.

Como bem sugere Elio Gianturco¹⁴ em nota introdutória à tradução para a língua inglesa do *De nostri temporis studiorum ratione* (ou *On the study methods of our times*, na edição da Cornell University Press), não poderíamos examinar a teoria do conhecimento viquiana sem que lançássemos um olhar atento para as *ideias em contexto* por trás do conjunto de suas obras. O debate denominado por Gianturco de “cientificismo versus humanismo”¹⁵, que teve lugar na Inglaterra e, com mais peso, na França e na Itália dos séculos XVII e XVIII, deixaria evidente a disputa entre os contrastantes métodos para conferir fundamento ao processo de elaboração de conhecimento, presentes nas tradições intelectuais antiga e moderna.

De um lado situam-se aqueles denominados *antigos*, que valorizavam o estudo das artes, da poesia e da literatura como fontes de saber e cujo pensamento alinhava-se à sabedoria dos antigos gregos e romanos, como Aristóteles e Homero. De acordo com os *antigos* dos séculos XVII e XVIII, o pensamento moderno não passava de mera imitação, quando comparado à criatividade, imaginação e eloquência características da sabedoria clássica.

De outro, os *modernos*, cuja principal preocupação residia nas ciências da natureza, para os quais mais importavam conhecimentos como os da Física e da Matemática, em detrimento da História, Literatura e Arte. A realidade seria, para este grupo, objetificada pelo intelecto e só poderia ser acessada por meio da classificação metódica, da abstração e da representação pelo intermédio de princípios universais.

¹³ No original: “Only in the light of the quarrel between the ancients and the moderns can modernity be understood”. Cf. STRAUSS, Leo. On the Basis of Hobbes's Political Philosophy. *What is Political Philosophy?*. Chicago: University of Chicago Press, 1959, p. 172. Tradução minha.

¹⁴ Elio Gianturco (1900-1987) foi um escritor e crítico literário italiano responsável pela tradução em língua inglesa do *De nostri temporis studiorum ratione*, em 1965.

¹⁵ VICO, Giambattista. *On the study methods of our times*. Ithaca and London: Cornell, 1990, p. XXV.

Giambattista Vico, por sua vez, parecia não ignorar o discurso moderno em voga, mas, ao mesmo tempo, preocupava-se em reconhecer a importância da sabedoria dos *antigos* para o conhecimento. O lugar de evidência em que o napolitano colocaria a história, a literatura, a arte e, principalmente, a poesia pode ser interpretado como uma consequência desse reconhecimento. Considerando a si mesmo um “homem de letras”, Vico ficaria conhecido mais tarde por elaborar, ao longo de seu conjunto de obras, uma das mais complexas *teorias da imaginação*, inicialmente desenvolvida em escritos mais breves como a *Vita*, o *De Nostri* e o *De Antiquissima*, e consagrada por fim em seu mais conhecido estudo, a *Ciência Nova*.

Não por acaso evocado neste capítulo, o *De nostri*, primeiramente idealizado como parte de uma coletânea de sete orações que Vico escrevera a fim de cumprir um dos requisitos da vaga à qual concorrera para ocupar a cadeira de Retórica na Universidade de Nápoles, trata-se de uma importante fonte para compreender de que modo Vico se posiciona no debate letrado da Europa no século XVIII. O napolitano destaca com bastante clareza suas intenções na Introdução do *De nostri*, escrita em 1708 e publicada em 1709:

no presente discurso não pretendo indicar paralelos entre abordagens isoladas de conhecimento, de um lado o antigo e, de outro, o moderno. Meu objetivo é, ao contrário, indicar em que medida *nosso* método de estudos é superior àquele dos *Antigos*; descobrir em que medida, por outro lado, é *inferior* e como nós poderíamos superar essa inferioridade.¹⁶

Como visto acima, Vico procurava definir seu lugar neste debate, buscando uma perspectiva filosófica que lhe permitisse contemplar tanto a sabedoria dos *antigos*, quanto a dos *modernos*. Em outras palavras: ele se esforçava por pensar uma filosofia que tivesse como objeto tanto o mundo humano, quanto o mundo da natureza; um ponto de vista que lhe permitisse superar o paradigma moderno do intelectualismo matemático e unir ciência da humanidade e ciência da natureza. Isto porque, como Vico parece ter notado, o que estava em jogo na famosa *querela entre antigos e modernos* era a própria natureza do conhecimento, ou seja, a proposição de um novo método, uma “nova ciência”, por meio da qual se pudesse fundamentar todo o saber filosófico e científico, em uma conjuntura em que o *ceticismo* tivesse esgotado suas possibilidades epistemológicas.

Neste contexto, não poderíamos deixar de comentar, a resposta do francês René Descartes para o problema do conhecimento em questão – resposta esta que teria consagrado

¹⁶ No original: “[...] I do not intend to draw parallels between individual branches of knowledge, single fields of sciences or arts of ancient and modern times. My goal, instead, is to indicate in what respect our study methods are superior to those of the Ancients; to discover in what they are inferior, and how we may remedy this inferiority”. Cf. VICO, Giambattista. *On the study methods of our times*. Ithaca and London: Cornell, 1990. p. 7-6. Tradução minha.

uma tradição epistemológica que ecoaria durante séculos nas reflexões filosóficas. A supremacia do *sujeito*, o legado da abstração e a preocupação com um *método* a partir do qual o intelecto humano dominaria com maestria a realidade na procura incessante pela verdade científica, seriam a marca da tradição cartesiana, adotada pelos *modernos*. Vico, por sua vez, não deixaria de, com certo orgulho napolitano, criar para si, em suas obras, uma imagem de, como bem observado por Gianturco¹⁷, “independência acadêmica”, em relação ao pensamento moderno de seu interlocutor francês, “Renato”¹⁸.

L.M. Palmer observa, na Introdução à edição norte-americana do *De Antiquíssima Italarum Sapientia*, a importância de se interpretar a “polêmica de Vico contra Descartes”¹⁹, como uma forma embrionária de mudança de paradigma do conhecimento filosófico. A obra viquiana, neste sentido, poderia ser entendida como fruto deste debate intelectual, no contexto em que se observa, de um lado, o pensamento moderno, dominado em grande grau pela filosofia racionalista de René Descartes; e de outro, um seleto grupo que investigava alternativas ao racionalismo cartesiano, na tarefa de elucidar a relação entre sujeito do conhecimento e objeto de estudo, como já havia sido efetuado por Leibniz, Pascal e, mais tarde, Vico.

Para todos estes se colocavam as mesmas questões: a partir de quais princípios seria possível fundamentar um conhecimento seguro sobre a realidade? Os antigos *conheciam*, ou seja, *sabiam* mais que os modernos? O problema que se apresentava para essas diversas tradições de pensamento no Setecentos, às quais Vico alinhava-se, era a procura por um novo método crítico para a elaboração do conhecimento, como alternativa ao primado do sujeito cartesiano.

Examinar em que medida a *imaginação* trata-se de um recurso da escrita de si mobilizado por Vico é analisar, em primeiro lugar, a importância desta categoria conceitual para a investigação setecentista acerca de um novo método de análise, ou seja, de uma nova maneira de pensar o conhecimento. Para isso, é necessário compreender a concepção viquiana de *método*, em oposição ao significado conferido ao termo por Descartes. Reavaliando o campo semântico da tradição filosófica do século XVIII, Vico atribui um novo significado ao conceito de *método*. Para ele, como tentamos defender, esse novo método apoia-se no conceito de *imaginação*.

¹⁷ Cf. VICO, Giambattista. *On the study methods of our times*, op. cit.

¹⁸ “Renato” era o nome com o qual Vico se referia a Descartes em suas obras.

¹⁹ VICO, Giambattista. *On the most ancient wisdom of the italians unearthed from the origins of the latin language*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1988. p. 3.

Em busca de uma nova arte crítica: a teoria da imaginação de Vico

Giambattista Vico, conforme L. M. Palmer, foi aquele que trouxe à tona uma nova forma de fundamentar o discurso filosófico, inaugurando uma espécie de “novo humanismo”²⁰. Vico teria sido responsável por transformar o paradigma do *sujeito* do conhecimento – aquele que contempla ideias imutáveis – no do *sujeito* que se inscreve em uma realidade construída por ele mesmo, partilhando da experiência coletiva de significação dessa mesma realidade, por intermédio da faculdade de elaborar metáforas. A este atributo, Vico denominou de *fantasia* ou *imaginação*.

Talvez por isso, o pensador napolitano seria conhecido, mais tarde, como o “filósofo do conhecimento histórico”²¹, em virtude de sua incessante investigação de novos horizontes interpretativos, no tempo dos grandes sistemas metafísicos e auge do racionalismo cartesiano, que considerava o conhecimento algo inato, não cumulativo e que se resumia a admitir a *razão* como única via de acesso do real. Neste cenário, Giambattista Vico preocupou-se com um problema muito caro à epistemologia: o conhecimento deve partir de uma lógica conceitual e abstrata, ou é possível admitir o papel da *imaginação* ao lidar com o problema que se quer investigar?

Em seu *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências* (1637), Descartes buscou, como bem evidencia o título de seu trabalho mais conhecido, um conhecimento indubitável, verdadeiro, cujo princípio pudesse se encontrar em si próprio. Para tanto, elaborou um método científico que excluía todo conhecimento que estivesse fora dos domínios da *razão*. É possível identificar esse princípio no seguinte fragmento do *Discurso do método*, em que recorda seu tempo de viagens pela Europa:

(...) aprendi a não crer demasiado firmemente em nada que me fora inculcado só pelo *exemplo* e pelo *costume*; e, assim, pouco a pouco, livre-me de muitos erros que podem ofuscar a nossa luz natural e nos tornar menos capazes de ouvir a *razão*. Mas, **depois que empreguei alguns anos em estudar assim o livro do mundo, e em procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a resolução de estudar também a mim próprio** e de empregar todas as forças de meu espírito na escolha dos caminhos que devia seguir. **O que me deu muito mais resultado, parece-me, do que se jamais tivesse me afastado de meu país e de meus livros**²².

Para Descartes, todo aquele conhecimento adquirido por intermédio da experiência coletiva e dos costumes humanos, ou seja, da história, deveria ser posto em dúvida. Fora dos

²⁰ VICO, Giambattista. *On the most ancient wisdom of the italians unearthed from the origins of the latin language, op. cit.*, p. 2.

²¹ Idem, p. 3.

²² DESCARTES, René. *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*. In: *Descartes* (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 33.

domínios da *razão* ficariam, também, a literatura, a poesia e a arte, conhecimentos desprovidos de *verdade* e que, por isso, enganavam a mente humana. “Nutrido nas letras desde a infância”, Descartes passara a duvidar da validade desses domínios da sensibilidade e da imaginação humanas, na sua busca da *verdade* no conhecimento. A poesia, por exemplo, segundo ele, parecia mais ser fruto de algum dom, do que da prática meditativa, enquanto as fábulas teriam a função de fazer o sujeito “*imaginar* como possível muitos eventos que não o são”²³. Deste modo, ele submetia a *imaginação* aos pressupostos de uma verdade una, subordinando-a ao entendimento e negando seu papel para as possibilidades do conhecimento.

O que “Renato”, de um lado, considerava um erro, ou uma mera distração, em seu método de estudos, Giambattista Vico, por sua vez, procurava definir como princípio indispensável em sua teoria do conhecimento. De acordo com ele, o conhecimento não tinha uma origem, um fundamento metafísico, mas teria sido inventado, fabricado; tratava-se de um engenho humano, fruto da *imaginação*.

Vico, deste modo, desenvolveu um método histórico-filosófico para o conhecimento²⁴, com o qual assumiu uma atitude crítica à radical primazia dos postulados metafísicos da tradição moderna e fundamentou o princípio de seu método para o estudo das coisas particulares. Voltou-se, assim, para a História e para a Poesia uma vez que, como aponta em sua autobiografia, era preciso meditar sobre o particular, caso se desejasse obter acesso ao universal.

Na explicação sobre a imagem do frontispício da *Ciência Nova*, Vico observa que pretende adotar uma perspectiva, sob a qual:

a **filosofia dedique-se a examinar a filologia** (ou seja, a doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, como são todas as histórias das línguas, dos costumes e dos fatos, tanto da paz como da guerra dos povos), **a qual**, pela sua deplorada obscuridade das causas e quase infinita variedade dos efeitos, **teve-se quase um horror de sobre ela refletir**; e traduzi-la em forma de ciência, ao revelar nela o desenho de uma *história ideal eterna*²⁵.

Sua “nova arte crítica”²⁶, que segundo ele, faltava à filosofia de sua época, partia do pressuposto de que a realidade não constituía uma categoria substancial, imutável no tempo e no espaço e que revelava uma *verdade* intrínseca. Em seu lugar, Vico expunha um real construído, mutável, fluido, fabricado pelos costumes humanos, pela experiência coletiva do

²³ DESCARTES, René. *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*, op. cit., p. 30-31.

²⁴ VICO, Giambattista. *Ciência Nova*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. p. 8.

²⁵ Idem, p. 9, grifo meu.

²⁶ *Ibidem*, §7.

homem no mundo. E, para além disto, esse real deveria ser tomado como objeto de estudo e transformado em *ciência*, uma nova ciência que contemplaria os fatos humanos.

Esse movimento interpretativo articula-se a um conceito caro ao pensamento viquiano: o conhecido princípio do *verum-factum*²⁷, fundamental para a compreensão de sua *teoria da imaginação*. Os *antigos*, de modo oposto aos *modernos*, como afirmara Vico em sua obra anterior, o *De Antiquissima*²⁸, estabeleceram uma relação de identidade entre o verdadeiro, ou *verum*, aquilo que é cientificamente verificável, objetivo, e o *factum*²⁹, aquilo que é feito, que é construído, produto do “arbítrio humano”. Ou, como assinala, “o critério para a ‘verdade’ é tê-la construído”³⁰.

A isto se segue a ideia de que o mundo humano pode ser conhecido por aquele que se proponha a estudá-lo, uma vez que esse mundo foi moldado pelo próprio homem. De acordo com este princípio, resultado de um trabalho de investigação filológica e histórica, a realidade teria sido *fabricada* graças à capacidade humana da *imaginação*; é sobre ela e por meio dela que os filósofos deveriam meditar.

O termo *imaginação* não aparece de forma unívoca na teoria do conhecimento viquiana. Na *Ciência Nova*, por exemplo, o conceito figura primeiramente como um princípio antropológico da mentalidade mítica. Nesta acepção, *imaginação* é entendida como o fundamento primeiro de sua teoria da *sabedoria poética*. A este princípio criador do real Donald Phillip Verene denominou *imaginação poética*³¹.

Perspectiva interpretativa chave de sua obra mais madura – a *Ciência Nova* –, a teoria da *sabedoria poética*, como observa Hayden White em *Trópicos do discurso* (1978), poderia ser tratada como uma “teoria da autotransformação da consciência humana em história”³². Isto porque Vico procurou nas origens do desenvolvimento humano aquilo que o levou à sua conhecida *história ideal eterna*, a categoria interpretativa, ou como ele a denominou, o *universal imaginativo*, por meio do qual o mundo humano poderia ser apreendido em termos de linguagem filosófica.

²⁷ “*Verum esse ipsum factum*”, ou literalmente “a verdade é precisamente o que é feito, fabricado, criado”. Cf. VICO, Giambattista. *On the most ancient wisdom of the italians unearthed from the origins of the latin language*, op. cit., p. 46.

²⁸ Ver Nicola Badaloni sobre a importância do *De Antiquissima* para a própria fundamentação epistemológica da *Ciência Nova*. De acordo com o intérprete da obra viquiana, observa-se uma continuidade histórica entre as categorias conceituais propostas na primeira e nesta última obra.

²⁹ *Idem*, p. 45.

³⁰ *Ibidem*, p. 48. “The criterion of the true is to have made it”.

³¹ No original, “*poetic imagination*”. Cf. VERENE, Donald Phillip. *Vico's science of imagination*, op. cit., p. 11.

³² WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 227.

De acordo com Vico, a história poderia ser dividida temporalmente em três idades; a cada uma correspondia uma forma de linguagem. Investigar o processo de desenvolvimento histórico das civilizações constituía um modo de compreender, filosófica e historicamente, em que sentido o homem, a partir do contato com o mundo natural, moldou a si mesmo e ao mundo civil, por intermédio da *sabedoria poética* das nações gentias, nos primórdios da humanidade.

Assim, a primeira idade da história seria a *Idade dos Deuses*, quando os primeiros homens apreenderam o mundo por meio de uma linguagem metafórica e imaginativa. À *Idade dos Deuses* sucedeu-se a *Idade dos Heróis*, quando a mente humana ainda operava com essa lógica imaginativa de apreensão do real. Por último, a *Idade dos Homens*, quando teria surgido a linguagem conceitual, abstrata, a linguagem dos filósofos, a própria linguagem empregada por Vico.

O conceito de *imaginação* teria aparecido inicialmente, neste sentido, como a forma de pensamento própria das primeiras idades, a *dos Deuses* e a *dos Heróis*; com ela a mente humana deu sentido à sua experiência no mundo social. Os primeiros homens, de acordo com Vico, pensavam em termos de uma lógica da linguagem não abstrata, mas metafórica. Teria sido com este atributo da mente mítica – chamado por ele de *fantasia ou imaginação* – que os antigos homens pensavam e agiam, respondendo aos estímulos sensoriais pela elaboração de metáforas, por meio das quais atribuíam significado ao real.

Estas metáforas do real, denominadas pelo filósofo napolitano de *poesia ou fábula*, foram, de acordo com ele, as primeiras formas de história da humanidade. Descobrir que os primeiros homens foram *poetas* e que pensavam por meio da *imaginação poética* é um dos principais fundamentos do seu novo método crítico proposto na *Ciência Nova*. A *poesia* (também chamada de *fábula*) não é o que o pensamento acostumado à abstração (na *Idade dos Homens*) entendia como uma forma particular de expressão artística. A *poesia* consiste no Vico chamou de *caractere poético ou universal imaginativo*. Este teria sido o primeiro modo de apreensão do mundo, tal como foi percebido por esses primeiros homens; tratava-se de uma atividade metafórica, por meio da qual a mente primitiva conferia significado à experiência. Conforme suas palavras, na *Ciência Nova*,

[...] os primeiros homens das nações gentias[...] **criavam as coisas a partir de suas ideias**[...]; eles, pela sua robusta ignorância, **faziam-no em virtude de sua corpulentíssima fantasia** e, porque era muito corpulenta, faziam-no com uma espantosa sublimidade, tal e tanta que perturbava excessivamente

esses mesmos que **fingindo as criavam**, pelo que foram chamados poetas, que em grego significava o mesmo que **criadores**³³.

Esta primordial forma de linguagem dos poetas, o falar das *fábulas*, pode ser interpretado como um recurso mobilizado por Vico para superar o postulado moderno que fundamentava o real a partir de uma lógica racional, baseada no conceito e não na imagem. A resposta do napolitano para o problema do conhecimento tomaria, então, um caminho diferente daquele seguido pela tradição cartesiana.

Em lugar de internalizar o real por intermédio da apreensão de ideias inatas, Vico concebeu uma ciência em que a realidade era *criada* pelo próprio *sujeito*, por meio da formulação da imediata identidade entre seus elementos. Ou seja, tratava-se de um conhecimento que não operava com a adequação do objeto a conceitos; mas, com o equilíbrio de forças entre *entendimento* e *imaginação*, ao invés do predomínio do primeiro. Vico, neste sentido, concedeu um papel produtivo à *imaginação*, o que acabaria por introduzir uma nova forma de relação do homem com os objetos da experiência.

Para Vico existiam duas formas aparentemente opostas de pensamento: os *inteligíveis universais*, mobilizados na terceira Idade e os *universais imaginativos*, nas primeira e segunda Idades. Se a filosofia dos modernos procurava pensar o real a partir de categorias universais, os *inteligíveis universais*, Vico, com seu *universal imaginativo*, invertia esta lógica, ao propor um real em que o próprio particular continha em si o universal, com o qual seria possível alcançar o conhecimento do todo. Investigar o particular, ou seja, a História e a Poesia, constituiria, portanto, a própria matéria do saber filosófico.

Verene, em *Vico's science of imagination*, argumenta que, no pensamento viquiano, a própria experiência vai tomando forma por meio do poder da mente fabuladora, ou seja, da *poesia*³⁴. É como se a *sabedoria poética* desses primeiros homens fosse se constituindo e, simultaneamente, moldando o mundo civil. É o poder da *imaginação poética* dando forma à experiência e a transformando em história.

A *poesia ou fábula*, que depende do poder da *imaginação poética*, seria, portanto, a primeira forma de linguagem dos povos primitivos. Com ela organizavam seu mundo em termos de *universais imaginativos* e expressavam as relações entre eventos, atribuindo, ao mesmo tempo, sentido e forma ao seu mundo. Na medida em que se tratava das primeiras formas de *história*, é sobre elas que os filósofos deveriam refletir. Conforme as palavras de Vico:

³³ VICO, Giambattista. *Ciência Nova*, op. cit., § 376, grifos meus.

³⁴ VERENE, Donald Phillip. *Vico's science of imagination*, op. cit., p. 71.

E (disto deriva) que **a primeira ciência que se deve aprender seja a mitologia, ou seja, a interpretação das fábulas** (porque, como se verá, todas as histórias gentílicas têm princípios fabulosos), e que **as fábulas foram as primeiras histórias das nações gentias**. [...] **E assim deve começar a história universal**³⁵.

O conhecimento para Vico, portanto, tinha como princípio uma lógica imaginativa e histórica. Por isso, conhecer o real implicava a escrita de uma “história das ideias, costumes e fatos do gênero humano”, uma história que se iniciasse com a investigação da *poesia*, do *universal imaginativo* que continha em si o tipo de sabedoria daqueles primeiros homens, cujas mentes funcionavam movidas por “robustíssimas fantasias”³⁶.

Assim, a proposta epistemológica de Vico convidava os filósofos de seu tempo a refletir sobre a sabedoria dos antigos gentios, ou seja, sobre a própria *poesia* por eles criada. A mesma faculdade da mente que teria possibilitado essa criação – a imaginação – permitiria àquele que medita voltar-se para aquela forma de sabedoria. Chamaremos a este segundo fundamento da nova arte crítica viquiana de *imaginação rememorativa*.

Tendo em vista que a *imaginação poética* constituía o princípio do desenvolvimento da humanidade, a própria *imaginação* poderia ser tomada como ponto de partida para a construção do conhecimento. A questão que Vico se propôs a investigar era se essa lógica imaginativa, que teria originado a linguagem e a história humana, ainda estaria presente no pensamento da *Idade dos Homens* e, portanto, na linguagem dos filósofos.

Neste sentido, o filósofo italiano concluiu que a forma de pensar do pesquisador, do cientista, estaria sempre condicionada pelas categorias da linguagem nas quais ele operava. A ideia de que o conhecimento não é dado, ou descoberto, mas, construído por meio da linguagem, colocou em questão a possibilidade de submeter o pensamento a uma lógica conceitual, supostamente portadora da verdade, como a crítica moderna fizera.

Hayden White, por exemplo, ao refletir sobre a construção de sentido na escrita da História em *Meta-história* (1973)³⁷, mobilizou a teoria do conhecimento viquiana, ao sugerir que toda representação historiográfica seria um produto da *imaginação*. White observa que a transformação da imagem em texto depende da linguagem empregada pelo *sujeito* que enuncia o conhecimento. Essa linguagem que condiciona esse ato é, de acordo com a interpretação do pensamento de Vico por White, eminentemente imaginativa e poética³⁸.

³⁵ VICO, Giambattista. *Ciência Nova*, *op. cit.*, § 51, grifo meu.

³⁶ *Idem*, § 368.

³⁷ WHITE, Hayden. *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1973.

³⁸ Existe uma estrutura imaginativa do pensamento – denominada por Hayden White de *ato poético* – que prefiguraria o discurso científico, conceitual. Neste sentido, White considera os tropos – metáfora, sinédoque,

White parece ter compreendido que, para o filósofo napolitano, o pensamento moderno, na medida em que se pretendeu científico, acabou por negar a lógica imaginativa que precede a conceitual, como pressuposto discursivo, e por isso teria caído em um estado de extrema racionalização do pensamento.

Voltando à explicação da imagem que ilustra o frontispício da *Ciência Nova*, ressalte-se que Vico preocupava-se em informar ao leitor o principal fundamento de seu trabalho. A ilustração, denominada por ele de “Tábua das coisas civis”³⁹, serviria “ao leitor para conceber a ideia desta obra antes de a ler e para, com a ajuda que lhe faculta a *imaginação*, trazê-la mais facilmente à *memória*, depois de a ter lido”⁴⁰. Com isto, Vico formulava uma teoria do conhecimento a partir da imagem e não de uma categoria racional e metafísica. Para os modernos o saber fundamentava-se na *razão*, na lógica das ideias inatas, aquelas que não dependem da experiência, mas, do sujeito e seu próprio pensamento. Vico, ao contrário, defendia um conhecer imaginativo, construído na interação do *sujeito* com o mundo sensível.

A teoria do conhecimento viquiana constitui, neste sentido, uma investigação do conhecimento do passado, das origens da humanidade, para que, a partir disso, se alcance a compreensão do presente – um presente de progressiva racionalização da linguagem e de aparente perda dessa *imaginação poética* por meio da qual o homem atribuiu significado e moldou sua experiência no mundo⁴¹. Descobrir que os primeiros homens foram poetas e que por meio do estudo da *poesia* seria possível compreender o mundo humano, uma vez que essa imaginação poética constitui sua força criadora, é a chave interpretativa do pensamento mais maduro de Giambattista Vico.

Conhecer a realidade, portanto, implicava voltar-se para o passado, chave de acesso ao presente, com o objetivo de encontrar o ponto de origem da mentalidade moderna. Isso envolveria um processo que ele chama de *rememoração*⁴² que resultaria, afinal, na identificação da origem da humanidade. A *história eterna ideal*, entendida como esta relação de identificação ao longo do tempo, figuraria como um princípio comum, que se manifestaria

metonímia e ironia – como estruturas linguísticas que condicionam a escrita do historiador. Este ato poético se processaria na consciência histórica a partir da *imaginação*. É a partir da faculdade da *imaginação* que o sujeito produtor do conhecimento histórico dá início à operação historiográfica. Aqui, White parece fazer uma referência à lógica poética viquiana, ao se declarar consciente de que sua obra é fruto de uma forma de pensamento que é caracteristicamente abstrata, ou seja, presente no *tropo* da *ironia*. Esta consciência, no entanto, que ele chama de *consciência irônica*, é a condição de possibilidade de sua alternativa teórica para o discurso historiográfico. Uma alternativa teórica que ironicamente entrevê uma estrutura poética do pensamento, que opera a partir da *imaginação*, assim como Vico formulou na *Ciência Nova*.

³⁹ Em oposição à *Tábua das coisas morais*, do discípulo de Sócrates, Cebes.

⁴⁰ VICO, Giambattista. *Ciência Nova*, *op. cit.*, §1.

⁴¹ VERENE, Donald Phillip. *Vico's science of imagination*, *op. cit.*, p. 21.

⁴² Idem.

nas três idades – a dos Deuses, a dos Heróis e ados Homens –, mas se desenvolveria de maneira variada em cada cultura.

Esse processo de *rememoração* do passado não se trata de um simples exercício de recordação, mas depende, de acordo com Vico, de um esforço imaginativo. Aqui *imaginação* não é mais concebida como a faculdade de atribuir significado à experiência. O conceito de *imaginação*, neste sentido, passava a indicar o recurso interpretativo mobilizado por Vico para analisar as origens da humanidade, a partir de uma identificação entre origem e fim.

Esta relação entre origem e fim relacionava-se à questão do dualismo entre *sabedoria poética*, produto da *imaginação*, e pensamento conceitual, cujo princípio é a *razão*. Vico, na medida em que fundamenta sua nova ciência em um ato criador e originário, a poesia (que conteria os princípios da humanidade), acabaria estabelecendo uma diferença entre a *sabedoria poética* dos homens das Idades dos Deuses e dos Heróis e o pensamento abstrato dos filósofos da Idade dos Homens⁴³ que, segundo ele, teria se afastado de sua origem poética. O problema da origem da linguagem para Vico articulava-se, assim, ao da origem das ciências, aqui entendida como reflexão filosófica. Se a linguagem racionalizara-se “o motivo deve-se unicamente ao fato de ela se ter distanciado progressivamente de sua autêntica fonte originária, ou seja, a linguagem dos deuses e heróis”⁴⁴.

Vico, então, resolveria este problema do dualismo entre as formas da linguagem estabelecendo uma inter-relação entre *imaginação poética* e *imaginação rememorativa*. Reconhecer que a mente é ativa na formação de seu objeto é postular uma teoria em que a imaginação é, ao mesmo tempo, um princípio fundador do mundo humano e um princípio epistemológico⁴⁵. Se a *imaginação* representava a primeira forma de pensamento dos homens das primeiras idades, também constituía o primeiro e principal pressuposto do conhecimento. A forma de pensamento conceitual característica da terceira Idade, a dos Homens, encontraria seu fundamento nas origens da mentalidade humana, revelando, portanto, um princípio imaginativo, como nas duas primeiras Idades, porém posto em esquecimento pelo método de estudos da crítica moderna.

A sabedoria a partir da qual os antigos poetas significavam e davam forma a seu mundo parece estar presente de algum modo no pensamento conceitual⁴⁶. É que destaca

⁴³ Conforme já mencionamos, Vico identifica três épocas na *história ideal eterna*, a *Idade dos Deuses*, a *Idade dos Heróis* e a *Idade dos Homens*.

⁴⁴ CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. Primeira parte: a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 129.

⁴⁵ VERENE, Donald Phillip. Vico's philosophy of imagination. In: *Vico and contemporary thought*. New Jersey: Humanities Press, 1976. p. 77.

⁴⁶ Idem.

Verene, quando observa, no pensamento de Vico, que os *inteligíveis universais*, as formas lógicas da linguagem filosófica, teriam sua origem nos *imaginativos universais*, uma vez que, para o pensador napolitano, a *imaginação* seria a operação primeira de qualquer ato do pensamento em todas as três Idades da história humana. Isto significa que, muito embora os filósofos não possam *imaginar completamente* como os primeiros homens, que foram *poetas*, eles podem compreender a partir da *rememoração*, o que permite que Vico possa elaborar uma “história das ideias, dos costumes e dos fatos do gênero humano”⁴⁷, tendo como princípio uma estrutura imaginativa do pensamento que permaneceria em sua mente “acostumada à abstração”.

Neste sentido, para Vico, a *imaginação* constituía a primeira condição para a produção do conhecimento científico. A linguagem conceitual pressupõe a atividade de *imaginação* do produtor do conhecimento, uma vez que o conhecer não pode ser algo dado, puro, baseado numa *razão* absoluta, mas qualquer forma de entendimento requer um *topos*. “E esse *topos* é o trabalho da *imaginação*. A *imaginação* é evocada para a invenção da própria *Ciência Nova*”⁴⁸. É permitido, portanto, a Vico, voltar-se para aquela forma de pensamento dos primeiros homens e escrever a *história ideal eterna*, por meio da *imaginação rememorativa*⁴⁹, ou seja, “o resultado de basear o pensamento reflexivo na imagem, ao invés de começar com alguma noção do conceito e, em seguida, trabalhar em direção à sua concretude”⁵⁰. Quando falamos em *imaginação rememorativa* referimo-nos a um tipo de *memória* que serve de fundamento epistemológico para a *Ciência Nova* e que parece ser o mesmo princípio da escrita autobiográfica viquiana.

A *imaginação rememorativa*, para Vico, é composta por três elementos diferentes: *memória*, *fantasia* ou *imaginação*, e *ingenium*. A *memória*, princípio filológico que permite relembrar o particular em culturas passadas, articula-se diretamente ao princípio do *verum-factum* e constitui a categoria responsável pelo processo de identificação do *sujeito* com o objeto de estudo, ao longo do tempo.

Já o *Ingenium*, pressuposto filosófico que envolve um sentido de esclarecimento – a noção de que a história como um todo poderia ilustrar “verdades” criadas, inventadas pela mente humana –, refere-se à própria capacidade humana de criar o objeto de estudo. No *De Antiquissima* o filósofo de Nápoles argumenta que a própria Matemática, por exemplo,

⁴⁷ Idem, § 368.

⁴⁸ No original: “And the topos is the work of *fantasia*. *Fantasia* is required for the invention of the New Science itself”. Cf. VERENE, Donald P. *Vico's science of imagination*, op. cit., p. 107. Tradução minha.

⁴⁹ No original, *recollective imagination*. Tradução minha.

⁵⁰ Cf. VERENE, Donald P. *Vico's science of imagination*, op. cit., p. 99-100. Tradução minha.

tratava-se de uma criação da mente humana. O matemático *inventaria as operações numéricas* e, neste processo, se tornaria o criador da própria “*verdade*” que passa a conhecer⁵¹.

E, por fim, a *fantasia ou imaginação* opera como um termo mediador, a partir do qual a mente é capaz de transformar o conhecimento do particular no conhecimento do todo, ou seja, uma forma de *relembrar* os particulares de modo que eles formem o universal. Neste sentido a *imaginação* é o que une o conhecimento filológico e o conhecimento filosófico na teoria do conhecimento viquiana. A nova arte crítica proposta por Vico dependeria, portanto, da *imaginação rememorativa*, como um recurso para pensar o universal contido no particular.

Assim, a originalidade da nova arte crítica proposta por Vico consiste na postulação de um objeto do conhecimento que não é submetido a esquemas e conceitos, mas, à *imaginação* do sujeito que medita e que, por conseguinte, encontra em sua própria mente os princípios de seu objeto, porque ele mesmo os teria criado. Enquanto a tradição moderna identificava um dualismo entre *imagem e conceito*, Giambattista Vico definia a *imaginação* como o caminho que todo letrado deveria seguir se quisesse refletir sobre a humanidade. Ela seria o antídoto à extrema racionalização das ciências à época de Vico.

De acordo com ele, o que parece estar em jogo é o próprio significado do que é ser um filósofo moderno e a necessidade de ressignificar o método crítico do Setecentos. Em que medida a autobiografia viquiana poderia ser compreendida como um ato de escrita, no qual é possível entrever sua *teoria da imaginação*, que procuramos brevemente examinar acima⁵², é a questão que procuramos desenvolver nas próximas páginas.

Escrever a história de si, para o napolitano, parece ser percorrer o caminho na busca de um *sujeito* que não é absoluto, mas que se constitui na experiência. Escrever a *Vita* neste sentido seria, portanto, adotar um novo método para o conhecimento, uma nova arte crítica, e afastar-se do *eu* como categoria universal, conforme postulado pela linguagem moderna. Trata-se, neste sentido, de uma teoria do conhecimento em que as ideias de verdade, memória

⁵¹ VICO, Giambattista. *On the most ancient wisdom of the italians unearthed from the origins of the latin language*, op. cit.

⁵² Nabokov argumenta que a imaginação poderia ser interpretada como uma forma de memória. Conforme suas palavras: “I would say that imagination is a form of memory. When we speak of a vivid individual recollection we are paying a compliment not to our capacity of retention but to Mnemosyne's mysterious foresight in having stored up this or that element which creative imagination may use when combining it with later recollections and inventions”. *Apud* BRUSS, Elizabeth. *Autobiographical acts: the Changing Situation of a Literary Genre*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1977. p. 135. A memória fundamenta-se na imaginação, na capacidade de apreender as impressões sensoriais e produzir sínteses do real em forma de imagens.

e imaginação são repensadas na lógica da *sabedoria poética*. Trate-se pensar o *sujeito*, um *novo sujeito*, que se constitui por meio desse repensar epistemológico.

CAPÍTULO II – Por uma nova ciência autobiográfica: a história fantástica da *Vita* de Giambattista Vico

Não posso expressar o prazer que senti ao receber sua afetuosa carta do dia 3 de novembro. Renovou a lembrança da minha feliz estadia em sua encantadora cidade. Basta dizer que fiquei continuamente impressionado com a bondade e as maneiras demonstradas pelos célebres **homens de letras** e, especialmente com você que me honrou com suas excelentes e sublimes obras. Mencionei isso com orgulho para os amigos de meu círculo e para os homens de letras que conheci em minhas viagens **pela França e pela Itália**. Sou infinitamente agradecido por sua cortesia, ao me enviar uma cópia do seu livro. Foi lido por meus amigos e tem sido muito admirado pela sublimidade do seu assunto e pela abundância de **novos pensamentos** que ele sugere em muitos temas, grandes e maravilhosos pela sua raridade e sublimidade, além do prazer e do proveito fornecidos por todas as suas demais obras quando lido atentamente⁵³.

Carta de Giuseppe Attias para Giambattista Vico, 3 de novembro de 1725 (grifos meus).

“Giambattista Vico nasceu em Nápoles no ano de 1760, de pais íntegros que deixaram para si um bom nome. Seu pai tinha uma disposição alegre e sua mãe, um temperamento melancólico. Ambos contribuíram para o caráter da criança”. Ao deparar-se com a primeira página da *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* o leitor não tardará a encontrar uma história *fantástica*, conforme o próprio vocabulário viquiano. Em seguida, vem esta informação: “ele era um menino de espírito elevado e impaciente por descanso; mas aos sete anos caiu do topo de uma escada e fraturou o crânio”.

A queda do pequeno Vico, narrada pelo filósofo de Nápoles como uma espécie de evento original da experiência viquiana, teria resultado em seu temperamento melancólico e na inteligência engenhosa daqueles que não “veem prazer no artifício argumentativo e no falso”⁵⁴. Para Vico, o relato histórico, ou a *poesia*, são narrativas que expressam “verdades”

⁵³ No original: “I am unable to express the pleasure I felt in receiving your affectionate letter of november 3, which has renewed the memory of my happy sojourn in your most charming city. It will suffice to say that I was continually overwhelmed by the kindness and favors shown me by its celebrated men of letters, and specially by you, who have honored me with your excellent and sublime works. I have mentioned this with pride to the friends of my own circle and to the men of letters I have met in my travels in France and Italy. I am infinitely obliged for your courtesy in giving me a copy of your book. It has been read by my friends and has been much admired for the sublimity of its subject and the abundance of new thoughts which it sugestes on many matters, great and wonderful for rarity an sublimity, over and above the pleasure and profit yielded by all your works when attentively read”. Cf. VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico, op. cit.*, p. 174. Tradução minha.

⁵⁴ Para a tradução desta passagem foi consultada a edição em italiano da *Vita*, em que consta: “qual dee essere degli uomini ingegnosi e profondi, che per l'ingegno balenino in acutezza, per la riflessione non si dilettno

sobre o real sob a forma imaginativa – fundamento inicial de todo e qualquer discurso humano – e não, a partir de argumentos e conceitos, como professava a crítica moderna. Dono de uma retórica incomum, quando comparado aos seus contemporâneos, Vico parece demarcar, já nas primeiras linhas de sua narrativa autobiográfica, os pressupostos de sua nova arte crítica; sua *Vita* expõe, portanto, a antessala de sua complexa *teoria da imaginação*⁵⁵.

Se compararmos o estilo narrativo de Vico com o fragmento da carta dirigida a ele no ano de 1725, é possível supor a preocupação do napolitano em definir seu lugar entre seus pares, e em demonstrar a grande novidade de seu pensamento. O autor dessa carta, cuidadosamente lembrada e citada por Vico na *Vita*, teria sido Giuseppe Attias (1672-1745), humanista judeu versado em diversas áreas do conhecimento, assim como nas Letras Hebraicas, em Filosofia e em Matemática e que mantinha relações estreitas com intelectuais e acadêmicos da Universidade de Pisa. O cuidado de Vico em divulgar essa correspondência ao longo de sua autobiografia publicada em 1731, poderia ser interpretada, também, como uma estratégia que objetivava articular seu novo método para o conhecimento a uma ideia de *sujeito* distinta daquela desenvolvida pelos modernos.

A *Vita* de Vico precede uma série de escritos que integraram a autobiografia moderna nos modos de pensar da sociedade letrada do século XVIII. Entre eles figuram, à título de exemplo, as *Confissões* (1789) de Jean-Jacques Rousseau e a *Minha própria vida* (1777), de David Hume. Elizabeth Bruss, em sua obra *Autobiographical Acts* (1976), observa que, desde que o gênero autobiográfico se tornou familiar na literatura ocidental do século XVIII, trouxe à tona a consciência da existência do indivíduo moderno vinculada à ideia de que esse *sujeito* representava uma fonte de conhecimento filosófico do eu individual e do mundo⁵⁶.

Neste sentido, e em contraste com o *eu* em primeira pessoa, como representado pelos modernos, o filósofo napolitano *rememorar* em sua *Vita* a história do *eu* em terceira pessoa – *ele* – evidenciando, assim, um estilo em que a narração da trajetória do *sujeito* deveria estar categoricamente submetida a uma perspectiva não apenas filosófica, mas, também, histórica e

dell'arguzie e del falso". Na edição para a língua inglesa o termo "dell'arguzie" é traduzido por "verbal cleverness".

⁵⁵ "Uma maneira mais convincente de 'provar' a qualidade imaginativa da autobiografia é ter em mente (...) que o ato autobiográfico gera, espontaneamente, ambivalência epistemológica", na medida em que representa uma forma de discurso objetivo, mas que depende de elementos retóricos. Cf. RENZA, Louis A. *The veto of imagination*. In: *New Literary History*. The Johns Hopkins University Press: 197. v. 9, N. 1, p. 2. Autobiografia, como a entendemos hoje depende da distinção entre ficção e não-ficção, entre escrita fundamentada em elementos retóricos e empíricos. Assumir que categorias retóricas estruturam a narrativa autobiográfica transforma essas mesmas categorias em terreno fértil para novas possibilidades de análise, o que hoje nos permite pensar em que medida em sua *Vita* o filósofo napolitano evoca sua *teoria da imaginação*.

⁵⁶ BRUSS, Elizabeth. *Autobiographical acts: the Changing Situation of a Literary Genre*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1977.

imaginativa; este foi o caminho para o conhecimento que ocuparia Vico durante toda sua vivência como um Homem de Letras.

A *Vita* é dividida em três partes: Parte A (1725), Parte B (1725,1728), ambas escritas enquanto Vico se dedicava à elaboração da *Ciência Nova* (à qual Giuseppe Attias faz menção em sua carta), e uma continuação, publicada em 1731, quando sua mais famosa obra já tinha vindo à luz na Itália. A própria ideia da escrita de uma continuação às primeiras partes pode ser considerada uma maneira de terminar de dar forma a este novo *sujeito* que Vico apresentaria à tradição intelectual de seu tempo, no momento em que sua *teoria da imaginação* se completava com a publicação da *Ciência Nova*.

No decorrer da autobiografia, Giambattista Vico traça um panorama de sua trajetória intelectual, sempre destacando suas obras correlatas a cada etapa do desenvolvimento de seu pensamento. A *Ciência Nova* é, neste sentido, identificada como o objetivo último da história de sua teoria do conhecimento, considerada por seu autor como a responsável por levar seu nome ao universo literário europeu do Setecentos, o que, na verdade, apenas acabaria acontecendo no século XIX. Apesar disso, a ambição do filósofo de Nápoles era grande, como deixa claro em diversas passagens da *Vita*, nas quais afirma que o filósofo “Vico nascera para a glória de sua cidade nativa e, deste modo, de toda a Itália”⁵⁷.

O conde Giovanni Artico di Porcía, idealizador do *Progetto ai letterati d'Italia perché scrivano la loro vita*, também seguia esse raciocínio quando orgulhosamente observa que toda a cultura letrada da Europa viria a conhecer “o nome, mérito e bom gosto dos *Letterati italiani*”⁵⁸, que trariam consigo a promessa de revolucionar os modos de pensar do Setecentos. A escolha da escrita autobiográfica para dar corpo à proposta do Conde Porcía, no contexto da *querela entre antigos e modernos*, caracterizaria o embate entre as letras italianas e a crítica filosófica francesa, como fica evidente na proposta de Porcía. Nesse projeto tomava corpo a oposição entre duas diferentes formas de narrar o *eu*. De um lado, o *sujeito-substância* da crítica filosófica cartesiana, distinguindo radicalmente sujeito e objeto. De outro, um *sujeito* que se constituiria na experiência de *si* e do real, a exemplo da narrativa autobiográfica da *Vita*. O *eu* narrado por Vico não teria, portanto, uma essência *a priori*; tratava-se de um *sujeito* que se constituiu na interação com a tradição intelectual de sua época. Como o filósofo de Nápoles fez questão de afirmar:

E, como se pode ver, ele escreveu como um filósofo, meditando as causas naturais e morais e as ocasiões da fortuna; por que mesmo desde a infância sentira uma inclinação por certos estudos e aversão por outros; que

⁵⁷ VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico*, op. cit., p. 165.

⁵⁸ VERENE, Donald Phillip. *The new art of autobiography*. New York: Oxford University Press, 1991. p. 62.

oportunidades e obstáculos haviam avançado ou retardado seu progresso; e, finalmente, o efeito de seus próprios esforços nas direções corretas, que mais tarde destinaram-se a dar frutos naquelas reflexões sobre as quais ele construiu sua obra final, a *Ciência Nova*, que demonstraria que sua vida intelectual estava fadada a ser assim e não de outra forma.⁵⁹

É sabido que Porcía mantinha estreita correspondência com o abade Carlo Lodoli (1690-1761)⁶⁰, religioso, professor e arquiteto italiano, também residente em Veneza e que acabou se tornando grande entusiasta do projeto, sendo ele próprio um de seus principais mentores. Não por acaso, paralelamente, Lodoli trabalhava na criação de um novo estilo de escrita. Acreditando na utilidade da História para o conhecimento, Lodoli costumava pedir a seus alunos que escrevessem um retrospecto de suas próprias vidas, com o objetivo de identificar seus interesses acadêmicos e de adequar seus métodos de ensino à vivência particular de cada um de seus estudantes⁶¹. A partir dessa iniciativa, o abade concebeu uma nova forma de narrar a experiência humana no mundo, que consistia na narrativa da vida do próprio autor, curiosamente chamada por ele de *periautografia*. Vico, ciente desse fato pelas cartas que trocava com o abade, teria incorporado as recomendações de Lodoli no processo de escrita da sua *Vita*.

Se o vocábulo *autobiografia* ainda não fazia parte do vocabulário da época, o conceito cunhado por Lodoli não só procurava dar conta da intenção do projeto de Porcía, como ia além. A etimologia do termo indica que *Peri-* é um prefixo grego, geralmente empregado nas palavras que compõem o estudo da anatomia humana, para designar tudo aquilo que circunda determinado órgão vital⁶². A combinação entre os termos *peri*, *auto* e *grafia* resulta em um terceiro termo que significa *escrita do que está no entorno de si mesmo*. A palavra *periautografia*, portanto, teria – é possível compreendê-la assim – a função de indicar o ato de escrita que descreve o ambiente que circunda as ideias, o pensamento, de um específico *sujeito*.

⁵⁹ No original, em inglês: “And, as may be seen, He wrote it as a philosopher, meditating the causes, natural and moral, and the occasions of the fortune; why even from childhood he had felt an inclination for certain studies and aversion from others; what opportunities and obstacles had advanced or retarded his progress; and lastly the effect of his own exertions in right directions, which were destined later to bear fruit in those reflections on which he built his final work, the New Science, which was to demonstrate that his intellectual life was bound to have been such as it was and not otherwise”. Cf. VICO, Giambattista. *The life of Giambattista Vico written by himself*. Tradução de Max Harold Fisch e Thomas Goddard Bergin. Nova York: Cornell University Press 1944, p. 182. Tradução minha.

⁶⁰ Carlo Lodoli foi um aclamado teórico da arquitetura, matemático e professor italiano. Vivenciando a cultura humanista veneziana, seus escritos abordam diversas áreas do conhecimento, da história e da filosofia até a política e a arte.

⁶¹ NEVEU, Marc J. Apologues, by Carlo Lodoli. *Journal of Architectural Education* Vol. 64, Iss. 1, 2010, p. 57 - 64. Disponível em: <<http://works.bepress.com/mneveu/18/>>.

⁶² VERENE, Donald P. *The new art of autobiography, op. cit.*, p. 66.

O neologismo criado pelo abade veneziano – e empregado por Vico em sua *Vita* – revela a perspicácia de seu autor, uma vez que, ao se apropriar de um termo originalmente empregado nos domínios da ciência médica e adotá-lo em seu estudo dos gêneros narrativos, abriu terreno para a produção de conhecimento sobre esse gênero de escrita conhecido, hoje, como *autobiografia*, e, mais importante, o fez, trazendo à tona um novo modo de experimentação do *eu* pelo exame do encontro do indivíduo com o mundo das ideias e das letras, e não pela via do *cogito* cartesiano⁶³.

Neste sentido, o projeto de Porcía, interpretado por alguns estudiosos como uma tentativa de reinserir a comunidade científica italiana no centro da vanguarda intelectual europeia⁶⁴, acabaria por colocar em questão alguns paradigmas do pensamento moderno, em voga à época. No auge da filosofia do *cogito*, com sua representação do *sujeito* como uma categoria isolada do mundo, a *periautografia* colocava esse *sujeito*, ao contrário da abordagem cartesiana, em direta interação com a *história*.

Uma das principais consequências do projeto que Lodoli, Vico e Porcía desenvolveram destaca-se por sua originalidade: tratava-se de situar o *eu* que narra a própria trajetória de vida, não só verticalmente em relação a si mesmo, como fizera o racionalismo moderno, mas, horizontalmente em relação àquilo que o circunda; neste caso, toda a tradição filosófica e literária assimilada pelos *letteratti*. O empreendimento conjunto sugeria, assim, que a atividade de escrita do texto “periautográfico” implicava a reconstituição de uma espécie de *contexto linguístico*⁶⁵ da vida de seu autor. É possível, portanto, sustentar que a *periautografia*, como precursora da *autobiografia*, cumpriu seu objetivo e abriu caminho para que esta última pudesse definir seus pilares como novo gênero discursivo e fonte de conhecimento do *eu*.

Se os filósofos modernos representavam a subjetividade como um *eu* estático, inalterável, isolado, Vico daria movimento à figura de si em sua *Vita*, ao *relembrar*, por meio da *imaginação*, seu percurso intelectual, não como algo previamente estabelecido, mas como

⁶³ No inverno do ano de 1619, na cidade de Ulm, Alemanha, “fechado sozinho num quarto aquecido, onde dispunha de todo o vagar para se entreter” com seus próprios pensamentos, um jovem francês acabava de se acreditar “iluminado pela verdade” - a verdade sobre um novo método científico que representaria a aposta em um conhecimento seguro sobre todas as coisas. René Descartes assim descreve o cenário propício à atividade meditativa daquele que escreveria a obra que revolucionaria os modos de pensar da tradição intelectual da primeira modernidade. É a este sujeito isolado de Descartes que Vico parece opor sua ideia de sujeito que interage com o mundo.

⁶⁴ VERENE, Donald Phillip. *The new art of autobiography, op. cit.*, p. 62.

⁶⁵ SKINNER, Quentin. Quentin Skinner (interview). In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia (Ed.). *The New History*. Cambridge: Polity Press, 2002. p. 82.

a história de um indivíduo que vai ganhando forma, à medida que esse *eu* interage com o mundo externo. De acordo com suas próprias palavras:

Antes, com a franqueza própria de um historiador, narraremos claramente e passo a passo toda a série do método de estudos de Vico, para que se conheçam as causas próprias e naturais de seu desenvolvimento como homem de letras⁶⁶.

A subjetividade viquiana dependia, assim, do contato do homem com o mundo letrado do Setecentos, uma vez que o *eu* não se manifestava alheio à experiência. Na autobiografia, o contato com a tradição intelectual, e não o isolamento de uma individualidade interiorizada, lhe garantiria o lugar de criador de si mesmo, permitindo-lhe traçar seu próprio caminho e, portanto, conhecer sua vida por meio do exercício autobiográfico.

O projeto de Porcía, neste sentido, dialogava diretamente com o sujeito moderno de Descartes. Sobre isso, o filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) comentou que o francês gostaria que a comunidade intelectual de seu tempo acreditasse que ele não tinha lido nada, referindo-se à passagem do *Discurso do método*, em que Descartes sugere que o fundamento do conhecimento é nada mais que a *razão*, desprezando, assim, os estudos em História, Literatura e Artes. Em correspondência de 22 de março de 1714, para Louis Bourguet (1678-1742), que estava em Veneza e que mantinha contato estreito com o Conde Porcía, Leibniz expressou sua preocupação com o método de estudos moderno, sugerindo o que talvez tenha inspirado Porcía a elaborar seu projeto:

Descartes queria que acreditássemos que ele não lera nada. Isso foi um pouco demais. No entanto, é bom estudar as descobertas de outros de uma forma que nos revele a origem de suas invenções. E gostaria que os autores nos dessem a história de suas descobertas e os passos através dos quais chegaram até elas. Quando eles negligenciam fazê-lo, devemos tentar adivinhar as etapas das teses, a fim de lucrar mais com suas obras. Se os críticos fizessem isso para nós na revisão de livros, eles prestariam um ótimo serviço ao público.⁶⁷

Mais tarde, em 1725, quando o projeto de Lodoli, Vico e Porcía já se concretizara, Vico, na mesma linha de raciocínio de Leibniz, advertia: “Não vamos aqui fingir o que

⁶⁶ No original, em inglês: “Rather, with the candor proper to a historian, we shall narrate plainly and step by step the entire series of Vico's studies, in order that the proper and natural causes of his development as a man of letters may be known”. Cf. VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico*, op. cit., p. 7. Tradução minha.

⁶⁷ No original, em inglês: “Descartes would have had us believe that he had read scarcely anything. That was a bit too much. Yet it is good to study the discoveries of others in a way that discloses to us the source of the inventions and renders them in a sort our own. And I wish that authors would give us the history of their discoveries and the steps by which they have arrived at them. When they neglect to do so, we must try to divine these steps, in order to profit the more from their works. If the critics would do this for us in reviewing books, they would render a great service to the public”. Cf. VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico*, op. cit., p. 5. Tradução minha.

Renato Delle Carte [René Descartes] astutamente finge quanto ao método de seus estudos simplesmente de modo a exaltar sua própria filosofia e matemática e degradar todos os outros estudos incluídos no saber divino e humano”⁶⁸.

A proposta de Porcía, tendo em vista a preocupação e até mesmo a crítica manifestadas por Leibniz e por Vico ao método de estudo dos modernos, acabaria por indicar outro caminho para a obtenção do conhecimento, ao oferecer ao mundo letrado as autobiografias dos *letteratti italiani*. Os modernos, que excluía do conjunto de saberes as matérias, nas quais a *imaginação* se fazia presente, como a Literatura, as Artes e a História, encontrariam no *sujeito* viquiano um *eu* que defendia, com a narrativa de sua trajetória intelectual, um novo modo de organizar o saber.

Em certa passagem da *Vita* o filósofo napolitano deixa clara sua posição ao relembrar a ocasião em que, após uma temporada de estudos em casa, o pequeno Vico retomaria sua formação em Filosofia, sob os ensinamentos do jesuíta Giuseppe Ricci, que lhe parecia “demorar demasiado em suas explicações sobre *ser* e *substância*, no que diz respeito às suas distinções metafísicas. Ele [Vico] estava impaciente por novos conhecimentos⁶⁹”.

Em sua autobiografia não são poucas as referências de Vico ao *eu* cartesiano. Diferentemente do *Discurso do método*, a *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* não desenvolvia uma narrativa, cuja função seria, apenas, a de introdução ao seu pensamento; a própria narrativa continha uma estrutura filosófica. O *sujeito* da *Vita* parece estar, ao longo de sua trajetória educacional, questionando um método de estudos em que a linguagem científica teria se racionalizado ao extremo, ao se afastar do estudo das Letras.

O método de estudos moderno, ao se distanciar de sua fonte originária, ou seja, da linguagem dos Deuses e dos Heróis, incorria, para Vico, em um terrível erro, uma vez que a mente jovem não estaria ainda preparada para a abstração da linguagem conceitual, exigida pelo estudo da Metafísica e das ciências da natureza. Observa-se essa crítica, na Parte A da *Vita*, trazida aos olhos do público letrado em 1725, quando Vico – sempre referindo-se a si mesmo na terceira pessoa – recorda sua obra *De Nostri temporis studiorum ratione* (1709):

Isso traz Vico ao ponto de vista a partir do qual ele considera a ordem dos estudos. Ele mostra que, como as línguas eram o meio mais poderoso para estabelecer a sociedade humana, os estudos deveriam começar com elas, pois dependem totalmente da memória que, na infância, é maravilhosamente

⁶⁸ No original, em inglês: “We shall not here feign what René Descartes craftily feigned as to the method of his studies simply in order to exalt his own philosophy and mathematics and degrade all the other studies included in divine and human learning”. Cf. VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico, op. cit.*, p. 7. Tradução minha.

⁶⁹ No original, em inglês: “Ricci seemed to him to linger too long over explanations of being and substance in their distinctions as metaphysical degrees. He was impatient for new knowledge”. Idem. Tradução minha.

forte. A idade da infância, fraca na razão, é regulada apenas por exemplos que, para serem eficazes, devem ser compreendidos com a vivacidade da imaginação, para a qual a infância é maravilhosa. As crianças, portanto, devem ocupar-se com a leitura da história, tanto a fabulosa, quanto a verdadeira. A idade da infância é razoável, mas não tem material sobre o que raciocinar; deixe que as crianças sejam então preparadas para a arte do bom raciocínio por meio do estudo das ciências que exigem memória e imaginação (...)⁷⁰.

Essa concepção de Vico sobre a ordenação dos estudos relaciona-se à sua teoria do desenvolvimento da mente humana que, na infância da humanidade, cria metáforas do real por meio da *imaginação* ou *fantasia*. Era, portanto, adequado, o estudo das áreas do conhecimento que permitissem ao jovem aproveitar as potencialidades dessa mesma faculdade, com a História e a Poesia. Posteriormente, na fase adulta, a mente estaria devidamente preparada para receber os ensinamentos que dependessem da capacidade de abstração e apreensão mais conceitual do mundo.

É o que o leitor pode notar logo nas primeiras páginas da autobiografia, quando Vico, ao descrever o começo de sua trajetória educacional, comenta a ocasião em que foi conduzido ao estudo da Metafísica, numa tentativa de seus pais de iniciá-lo no caminho do conhecimento. Na parte A da *Vita*, ele recorda, com certo tom de desaprovação, que naquela situação, “seu desespero fez com que ele abandonasse seus estudos (tão perigoso é colocar os jovens no estudo das ciências que estão além de sua idade!)”⁷¹.

Neste sentido, se em sua concepção de *imaginação*, esta constituía a primeira forma de compreensão do real e do discurso sobre esse real – inclusive, aquele que desenvolvia na própria narrativa autobiográfica –, Vico criava, deste modo, sua própria história *fantástica*. Na *Vita*, o filósofo de Nápoles, aquele que narra, lembraria a trajetória de um Giambattista Vico, o *eu* narrado, que aparece na trama, como uma espécie de *imaginativo universal* da narrativa.

Sua autoimagem, em *Vita*, é a do filósofo incompreendido, que passara a vida desenvolvendo uma nova arte crítica para a valorização das Letras, morada da imaginação produtiva, ao tempo em que esse atributo humano era depreciado pelo empreendimento

⁷⁰ No original, em inglês: “That brings Vico to the point of view from which he considers the order of studies. He shows that, as tongues were the most powerful means of establishing human society, studies should begin with them, for they depend wholly upon the memory which, in childhood, is wonderfully strong. The age of childhood, weak in reason, is regulated only by examples, which, in order to be effective, must be understood with the vivacity of the imagination, for which childhood is marvelous. Therefore, children should be busy with reading the story, both fabulous and true. The age of childhood is reasonable, but it has no material on which to reason; let the children be then prepared for the art of good reasoning through a study of the sciences that require memory and imagination. Cf. VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico, op. cit.*, p. 144-145.

⁷¹ *Ibidem*, p. 113.

científico moderno, ocupado com a *razão* e a *verdade*. Seu entendimento do que era, de fato, um plano de estudos para alcançar o conhecimento verdadeiro se manifesta claramente, quando, na *Vita*, rememora um episódio da infância:

Ofendido pelo que lhe pareceu um insulto, e sabendo que no segundo semestre teria que repetir o que fizera no primeiro, Giambattista deixou a escola e, retirando-se para sua casa, aprendeu sozinho em Alvarez tudo o que restava para os jesuítas lhe ensinarem (...). Nesse período, durante o verão, ele se sentava à escrivaninha ao cair da noite e sua boa mãe, depois de despertar de seu primeiro sono e dizer-lhe, por piedade, que fosse para a cama, costumava descobrir que estudara até o amanhecer. Esse foi um sinal de que, à medida que envelhecesse cultivando o estudo das letras, manteria vigorosamente sua reputação como acadêmico.⁷²

O estudo da Literatura que incluía, para Vico, a História e a Poesia, foi defendido em sua autobiografia, uma vez que representava a primeira verdade da linguagem humana. Neste sentido, tanto a História, quanto a Poesia eram consideradas por ele *vero narratio*, formas de discurso imaginativo, nas quais qualquer verdade sobre a humanidade pode se alicerçar. Na *vero narratio* de *Vita*, o ponto de partida não era um *sujeito* isolado do mundo, mas, a experiência de interação de Vico com o mundo letrado, experiência esta que só poderia ser acessada por intermédio da narrativa autobiográfica de seu contato com as ciências da humanidade. Neste sentido a *Vita* apresenta um *sujeito*, cuja trajetória dedica-se à defesa das Letras, sendo esta a verdade imaginativa de sua autobiografia.

Por isso, o leitor da *Vita* não se surpreende ao descobrir que, assim como em sua *teoria da imaginação*, Vico não incorpora ao seu objeto uma lógica que se inicia com uma forma conceitual, normatizadora do conhecimento; mas, em um raciocínio em que o universal é apreendido por meio do particular – o *eu* autobiográfico narrado. O *sujeito* viquiano constitui, neste sentido, uma fonte na qual se torna possível entrever sua filosofia da humanidade.

Desse modo, como parte do projeto pedagógico, Vico dirige-se diretamente ao leitor e, em certa passagem na qual recorda a série de palestras que proferiu na Universidade de Nápoles, aconselha-o a meditar sobre si mesmo, de modo a descobrir como o homem pode superar sua ignorância em relação à história da humanidade⁷³.

⁷² No original em inglês: “Offended by what seemed to him an insult, and learning that in the second semester he would have to repeat what he had done in the first, Giambattista left school and, withdrawing to his home, learned by himself in Alvarez all that was left for the fathers to teach him (...). In this period, during the summer, he would sit down at his desk at nightfall and his good mother, after rousing from her first slumber and telling him for pity's sake to go to bed, would often find that he had studied until daybreak. This was a sign that as he grew older in the study of letters he would vigorously maintain his reputation as a scholar”. Cf. VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico*, *op. cit.*, p.112-113.

⁷³ *Ibidem*, p.144.

De acordo com o Giambattista Vico, a autobiografia é ela mesma uma forma de conhecimento. Descobrir o poder produtor da linguagem (*imaginação*) no moldar da experiência, leva-o a afirmar que os princípios da História podem ser encontrados na própria mente humana, uma vez que ela própria é a fonte original de seu objeto, conforme postula seu princípio do *verum-factum*. Conhecer a si, neste sentido, é conhecer os princípios da “história das ideias, costumes e fatos do gênero humano”⁷⁴, o que garante a essa atitude meditativa um lugar em sua teoria do conhecimento. Esse meditar sobre si, condição de escrita da teoria da *imaginação* viquiana, constitui também o pressuposto primeiro da experiência autobiográfica e aparece na *Vita* como um caminho para a construção de sentido daquela narrativa.

Assim, como propôs uma *história ideal eterna*, a história de *si* parece relacionar o *eu* do presente, autor da *Ciência Nova*, a um ponto de origem, a infância do pequeno Vico, que marca o início de sua trajetória como *homem de letras*. Aquele Vico da infância, que demonstrava interesse pela poesia e pelo estudo da linguagem, que interpretava cada obstáculo como uma vantagem e cujo resultado foi sua grande obra – porque, como ele afirmou, tinha que ser desse modo e não de outro – está presente naquele Vico que narra no presente e que expressa, com rigor, sua crítica às concepções modernas de ciência e de método.

Em sua autobiografia, Vico procurou avaliar o que significava ser um filósofo moderno, articulando, ou melhor, *imaginando*, a experiência do Vico jovem e a do Vico adulto como parte de uma “estrutura” comum. Ao tentar compreender o Vico da *Ciência Nova*, que o Vico da infância já revelava em si, o filósofo de Nápoles estabelece uma identidade, por meio da *imaginação*, entre o passado e o presente, não apenas os seus, mas, do conjunto de seres humanos.

A *teoria da imaginação* presente no pensamento viquiano é, portanto, o que permite que Giambattista Vico interprete sua história individual à luz dos princípios epistemológicos da história da humanidade. Ela constitui o vínculo entre o particular (sua vida) e o universal (a história da humanidade), de modo que o primeiro não significa somente seu *eu*, mas, também, o segundo, no interior de uma lógica categoricamente imaginativa e não abstrata.

⁷⁴ VICO, Giambattista. *Ciência Nova*, *op. cit.*, § 368.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, o leitor pode inferir que os princípios de sua *história ideal eterna* estão presentes no discurso sobre a trajetória do *eu* representado. Vico, em sua *teoria da imaginação*, sugere que a mente humana, na qual estão contidos os próprios fundamentos do conhecimento, é capaz de transformar o conhecimento do particular (História) no conhecimento do todo (Filosofia). Seu método filosófico-histórico⁷⁵ consiste nada menos do que uma forma de *relembrar* os particulares de modo que eles componham o universal.

Neste sentido, Giambattista Vico mobilizaria o seu *eu* representado na narrativa, de modo o caminho que trilhou, em sua formação fosse iluminado pelos princípios de sua *história ideal eterna*. O relato de uma trajetória individual poderia, portanto, transcender os limites do próprio *sujeito* e revelar em si uma filosofia para a história da humanidade. Conforme os pressupostos de sua *nova arte crítica*, o princípio imaginativo que estrutura sua escrita autobiográfica nada mais é do que uma maneira de pensar o universal contido no particular do *eu* autobiográfico.

Pensar a possibilidade de uma história fantástica para a autobiografia significa, então, assumir que aquele *sujeito* narrado na *Vita* é capaz de revelar os fundamentos teóricos postulados pelo napolitano ao tentar compreender o percurso da humanidade no tempo. Esta constatação permite interpretar a *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* como uma metáfora da própria filosofia viquiana. A história da humanidade, entendida, neste sentido, como a história dos princípios internos da mente humana, assim como a autobiografia, supõem uma atitude meditativa de autorreflexão. Ambas contêm em si uma “verdade” relevada por uma estrutura que transforma em unidade os particulares, o *vero* do *imaginativo universal* que, na *Vita*, Vico mobiliza para narrar a si mesmo.

É à luz destas reflexões que o comentário de Benedetto Croce ganha sentido: a *Vita*, de acordo com ele, representaria em microcosmo a teoria viquiana para a história dos povos, desenvolvida na *Ciência Nova*. O particular revela o universal na autobiografia de Giambattista Vico, da mesma forma que a filologia revela a filosofia em sua própria teoria do conhecimento, uma vez que o próprio *sujeito* carrega em si os fundamentos de uma realidade que o transcende. E a *imaginação* é o que torna essa narrativa possível.

⁷⁵ Na explicação à imagem do frontispício da *Ciência Nova*, Vico observa que pretende assumir a perspectiva sob a qual a Filosofia dedique-se a examinar a Filologia e traduzi-la “em forma de ciência, ao revelar nela o desenho de uma história eterna ideal”. Cf. VICO, Giambattista. *Ciência Nova*, *op. cit.*, p. 9.

REFERÊNCIAS

Fontes

VICO, Giambattista. *The Autobiography of Giambattista Vico*. Tradução de Max Harold Fisch e Thomas Goddard Bergin. Nova York: Cornell University Press, 1944.

_____. *Vico: Autobiografia, Poesie, Scienza Nuova*. Milano: Garzanti Editore, 1983.

_____. *A Ciência Nova*. Tradução de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Ciência Nova*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

_____. *On the study methods of our times*. Ithaca and London: Cornell, 1990.

_____. *On the most ancient wisdom of the italians unearthed from the origins of the latin language*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1988.

Referências bibliográficas

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BÓGEA, Diogo. Hume, Nietzsche e o sujeito como ficção. *Theoria*, Pouso Alegre, n.05.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. Primeira parte: a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRUSS, Elizabeth. *Autobiographical acts: the Changing Situation of a Literary Genre*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1977.

DESCARTES, René. Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. In: *Descartes* (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro*. O retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *On diary*. Manoa: University of Hawaii Press, 2009.

LIVINGSTONE, David N. *Geography and enlightenment*. University of Chicago Press, Chicago, Ill; London, 1999.

LOLLINI, Massimo. On becoming human: The verum factum principle and the Giambattista Vico's humanism. *MLN*, v. 127, n.1, p. 21-31, jan 2012.

MAZZOTTA, Giuseppe. *The New Map of the World*. New Jersey: Princeton University Press, 1999.

NEVEU, Marc J. Apologues, by Carlo Lodoli. *Journal of Architectural Education* Vol. 64, Iss. 1, 2010, p. 57 - 64. Disponível em: <<http://works.bepress.com/mneveu/18/>>.

POMPA, Leon. *Vico: A study of the 'New Science'*. Cambridge: University Press, 1975.

POPKIN, Richard H. *The history of skepticism from Erasmus to Spinoza*. Berkeley: University of California Press, 1979.

SALES, Benes Alencar. A polissemia do sujeito cartesiano. *Princípios*, Natal, v. 14, n. 22, p. 79-92, jul./dez. 2007,

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. *A crítica ao eu na modernidade*. São Paulo: Casa do psicólogo/ Fapesp, 2003.

SKINNER, Quentin. Quentin Skinner (interview). In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia (Ed.). *The New History*. Cambridge: Polity Press, 2002.

VERENE, Donald Phillip. Vico's philosophy of imagination. In: *Vico and contemporary thought*. New Jersey: Humanities Press, 1976.

_____. *Vico's science of imagination*. Ithaca: Cornell University Press, 1981.

_____. *The new art of autobiography*. New York: Oxford University Press, 1991.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1973.